

**Título: MEMÓRIA, IDENTIDADE E IMIGRAÇÃO: A “ASSOCIAÇÃO HIBAKUSHA BRASIL PELA PAZ” - E OS SOBREVIVENTES DAS BOMBAS ATÔMICAS DE HIROSHIMA E NAGASAKI EM SÃO PAULO - 70 ANOS DEPOIS UM RESGATE HISTÓRICO DO HECATOMBE NUCLEAR**

*André Lopes Loula – Mestrando em História Social (PUC-SP)*

O Objetivo deste trabalho é: discutir o resgate histórico dos sobreviventes da bomba atômica no Brasil, mas especificamente em São Paulo, existe ainda 100 sobreviventes residindo no Brasil, 50 no Estado de São Paulo, trazendo para discussão a questão da memória, como mola propulsora, onde teremos assim, um bom embasamento para a História Oral. Que através dos depoimentos dos Hibakushas (termo utilizando para sobrevivente da bomba atômica), conseguiremos ter um parâmetro da tragédia nuclear que assolou Hiroshima e Nagasaki.

O XXVIII Simpósio de História Nacional 2015, será um marco nesta discussão, onde a sua realização acontecerá uma semana antes dos 70 anos do hecatombe nuclear (06 e 09 de Agosto), onde os participantes, terão a oportunidade de presenciar o debate na ANPUH e posteriormente na semana seguinte acompanhar pela imprensa mundial as lembranças desta tragédia

## Introdução

*“Batizei meu personagem principal de Gen na esperança de que ele se tornasse raiz ou fonte de força para uma nova geração da humanidade- aquela que consegue pisar descalço o solo queimado de Hiroshima e sentir a Terra sob seus pés, e quem tem a coragem de dizer ‘não’ às armas nucleares...Eu mesmo gostaria de viver com a força de Gen – é o meu ideal, e continuarei buscando-o por meio do meu trabalho”<sup>1</sup>.*

O trecho acima nos remete a criação de uma personagem autobiográfica, que simboliza a resistência contra as armas nucleares, à luta pela preservação da vida e a permanência de nossa morada, a Terra, como vínculo de identidade não somente de um indivíduo, mas de toda a espécie humana. Gen é um nome japonês que significa “raiz” ou “fonte” , segundo o autor Keiji Nakazawa, que tinha apenas sete anos quando a bomba atômica atingiu sua cidade. Fomos buscar nessa personagem, no seu autor e nos relatos dos sobreviventes da Associação da Bomba Atômica em São Paulo, os elementos que nós fizéssemos compreender a vivência trágica do evento de 1945,

---

<sup>1</sup> Gen:pés descalço :uma história de Hiroshima/KeijiTrabalhoazawa;(tradução Sofia Valtas):São Paulo:Conrad Editora do Brasil,2002, p.VII.

procuramos nos deslocarmos na experiência do outro, no tempo e no espaço, tendo sempre claro as nossas limitações temporais e espaciais de sentir a condição do outro enquanto experiência concreta. Todavia, as nossas principais motivações tanto de ordem pessoal quanto profissional seriam os mais jovens a refletir sobre o seu entorno e a sua própria condição de humano no mundo.

O objetivo desta pesquisa é analisar o papel da *Associação Hibakusha Brasil pela Paz* na construção de uma memória coletiva dos sobreviventes dos ataques atômicos sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki promovidos pela Força Aérea norte-americana em agosto de 1945. Para além da conhecida hecatombe causada pelos ataques, que provocou a completa destruição das duas cidades e a morte de 100 a 250 mil pessoas, há que se pensar em como os sobreviventes e seus descendentes construíram uma memória em torno dos acontecimentos.

Lançando mão dos métodos da história oral, através da gravação em áudio e vídeo do depoimento de sobreviventes e descendentes que residem em São Paulo e se organizam na supracitada associação, analisaremos as falas dessa comunidade de modo a perceber como eles relatam os acontecimentos de agosto de 1945, observando o papel que as memórias dos ataques têm nas suas vidas, organizando até mesmo seus relacionamentos interpessoais (como os casamentos) e suas concepções políticas e morais. Nesse sentido, é imprescindível compreender o porquê de esse grupo ter decidido por criar uma associação para dar visibilidade às suas histórias, bem como para pressionar a pátria-mãe, Japão, a reconhecer seus direitos enquanto vítimas dos ataques nucleares, mas também a sociedade receptora brasileira, defendendo o fim do desenvolvimento do programa atômico, mesmo que com finalidades pacíficas e energéticas. Assim, poderemos entender como as memórias de um evento traumático foram catalisadas em

[Digite aqui]

ações políticas e educacionais a fim de ressignificá-la, dotando-a de um caráter que transcende o “lembrar” e intervêm nas sociedades-alvo.

## **INTRODUÇÃO:**

Em 1908 chega ao Brasil o navio Kasato Maru, trazendo a 1º leva de japoneses ao país. Depois de 32 anos em 1942 o Brasil declara guerra aos países Aliados e entra efetivamente na Segunda Guerra Mundial, cortando relações diplomáticas com os países do Eixo: Alemanha, Itália e Japão. Em 1952 as relações diplomáticas entre Brasil e Japão voltam ser restabelecidas, trazendo agora um novo ciclo migratório dentro dos navios: os sobreviventes da bomba atômica.

Infelizmente, por uma questão de lógica da vida, estamos perdendo ano a ano Um número grande de sobreviventes, o mais novo tem 69 anos (que estava no ventre da mãe), que venho ter o parto com explosão e o mais velho 103 anos. Por isso tenho que correr contra o tempo, para não perder esta história oral, que tem muito a revelar, além da história oficial. Vale salientar que: infelizmente nem todos os membros da associação, tem a mesma visão, sobre a preservação da memória dos Hibakushas. Muitos somente se preocuparam com as indenizações do governo japonês, e o auxílio médico oferecido - mas mesmo estes, depois de muito tempo, começam vagamente a relatar, fatos desconhecidos da história oficial, como: Onde Estavam no momento da explosão? O que fizeram depois da explosão? O que vivenciaram durante a Guerra? Como começaram a reconstruir suas vidas? Como reconstruíram a cidade? Como foi a reconstrução de sua família? Por que a migração para o Brasil? O que esperam de um mundo sem armas nucleares Etc.

[Digite aqui]

Estamos percebendo também que alguns Hibakushas, já começam a ter lapso de memória, esquecendo fatos importantes da história da sua vida.

A “Associação dos Sobreviventes da Bomba Atômica no Brasil”, foi fundada em Junho de 1984, para pleitear os mesmos direitos dos sobreviventes que permaneceram no Japão como: assistência Médica, pensão e reconhecimento. Em 2008 a Associação mudou de nome para “Associação Hibakusha Brasil pela Paz”<sup>2</sup>, dando a oportunidade para não sobreviventes poder fazer parte do seu quadro de apoio, na qual, hoje exerço a função de Diretor Cultural. Ao ser convidado em 2007 pelos Hibakushas (sobrevivente da bomba atômica), eu pude perceber na ocasião que: o objetivo do trabalho era promover a “preservação da memória e a difundir a paz sem armas nucleares”, os sobreviventes são solicitados com frequência para dar palestras em universidades, escolas, programas de televisão e igrejas - onde inclusive, alguns sobreviventes, por inúmeros motivos, começaram a relatar a sua história já no final da vida – inclusive para os próprios familiares.

Um exemplo foi seu Takashi Morita e a sua esposa Ayako Morita (in memoriam), onde começaram a falar – somente depois que seus dois filhos casaram, onde tinha-se muito preconceito, que ninguém iria casar com seus filhos, achando que eles possuíam radiação ou que tinham alguma mutação genética.

Ao começar ter acesso ao acervo documental da associação, me deparei com um material riquíssimo, que nenhuma instituição possui até hoje. Começamos a organizar e catalogar, todo acervo – tínhamos objetos que resistiram a explosão (fotografias), objetos pessoais, que constantemente são levados para as exposições que realizamos, mas o principal, a “história

---

<sup>2</sup> A Associação foi constituída, depois que alguns sobreviventes, começaram à procurar sobreviventes no Brasil, todo este contato foi possível através do Jornal da Colônia. A entidade tem atualmente 120 membros - 70 no Estado de São Paulo, e o

oral”, nunca havia sido pensado de uma forma mais abrangente - somente quando o cineasta Roberto Fernandez, nos procurou, com o interesse de produzir um documentário sobre os sobreviventes da bomba atômica no Brasil, e que começamos a perceber a importância nos seus relatos – antes desconhecido. O Documentário “**Hiroshima 8:15**” foi finalizado em 2011, que retrata os depoimentos dos sobreviventes da bomba atômica – demorou três anos para ser concluído.

---

Os sites a seguir pode ser acessado, para se ter uma ideia do nosso trabalho

<http://www5.usp.br/26349/sobrevivente-de-hiroshima-estara-presente-em-mostra-do-cinusp-sobre-genocidios/>

<http://www.youtube.com/watch?v=tI0rJydzPPE&hd=1>

<http://www.youtube.com/watch?v=FKriuqORHXo&hd=1>

Temos o objetivo de promover o relato de umas das maiores tragédias que a humanidade já presenciou, sendo os integrantes da associação, testemunhas oculares do fato histórico que ira mudar a trajetória do Século XX, à partir da criação desta nova arma de domínio – que se acontecer novamente não teremos humanidade para contar história.

Os relatos dos sobreviventes tem sido ouvido, nos quatro cantos do mundo, em 2009 uma comitiva de 100 Hibakushas, viajou no Peace Boat, (<http://www.peaceboat.org/english/index.php?page=search&str=peace+bolt+63&x=15&y=10>). Por 129 dias, passando por 24 países, entre eles Nicarágua, Chile, Vietnã, Venezuela, Filipinas, Espanha. Sendo inclusive condecorados. Em 2010 ocorreu uma conferência em Cuba, na qual, Takashi Morita, divide a mesa com um dos personagens histórico mais polêmico do

[Digite aqui]

século XX - Fidel Castro. Em 2009, realizamos um encontro histórico na cidade de Goiânia, promovido pela PUC-GO, entre os Sobreviventes da Bomba Atômica e as Vítimas do Césio 137 ([http://www.ucg.br/ucg/reitoria/home/secao.asp?id\\_secao=2420](http://www.ucg.br/ucg/reitoria/home/secao.asp?id_secao=2420)). Já em 2007 e 2012, realizamos um concurso chamado “Mensageiros da Paz”, onde alunos de 14 à 17 anos, se dirigiram a sede da ONU - acompanhados de Hibakushas, em Genebra para se encontrar com o Secretário da ONU Ban Ki-moon e discursar sobre a tragédia que abalou Hiroshima e Nagasaki – trabalho este muito importante, que está sendo direcionado para gerações futuras não esquecer desta tragédia, visto que nas próprias cidades de Hiroshima e Nagasaki, os jovens não procuram preservar o acontecido em 06 e 09 de Agosto de 1945, com tanta ênfase.

Em 2011, como docente da **Escola Técnica Santo Amaro**, onde depois de inúmeras palestras e atividades com os alunos – procurei o Conselho de Escola, com a proposta de termos um patrono, onde foi pensada toda a questão da preservação da memória, nada mais justo que fazer com quem pode ser homenageado em vida. Senso assim: através do **Decreto Estadual 14.497/11** passa-se chamar **ETEC Takashi Morita**, onde o respectivo patrono vai na escola constantemente, relatar para os alunos a sua história. Além disso, temos recebido constantemente a visita de inúmeras pessoas do Japão e de outros países, já recebemos inclusive a visita do Prefeito de Nagasaki **Tomihisa Taue**.

## **A importância da história oral**

O respectivo trabalho tem como objetivo; trazer para as pessoas interessadas, relatos sobre uma das maiores tragédias, que o homem já presenciou – a destruição das cidades de Hiroshima e Nagasaki, pelas bombas atômicas lançadas pelos Estados Unidos. Tudo isso

[Digite aqui]

através da “história oral” que será coletado nas entrevistas, a serem previamente agendadas. Tentar trazer um pouco de discussão e preservação da memória ainda presente nas vítimas.

Estamos acostumados ouvir pela história oficial, que as cidades de Hiroshima e Nagasaki foram aniquiladas – mas nunca ouvimos os relatos dos sobreviventes aqui no Brasil de uma forma mais abrangente que: passaram por um abalo psicológico jamais visto - entre eles; a perda de familiares, fome, moradias destruídas, reconstrução da cidade, imigração forçada, preconceito devido a radiação, brasileiros que também foram vítimas, o medo de ter filhos com problemas genéticos, o silêncio forçado da sua nova condição de sobrevivente até para os familiares e o principal: quanto tempo de vida restava-lhes para eles ainda? Visto que diziam que iriam morrer brevemente, devido ao contato com a radiação.

Muitos foram usados depois da destruição da cidade, como cobaias pelo Exército Americano, e nunca ficaram sabendo do resultados dos exames coletados pelos Médicos Americanos. Ficaram vagando dias e mais dias, atrás de informações. A cidade foi isolada do restante do Japão durante seis meses, somente entrava Jornalista Norte-americano e soldados americanos. O que demonstra que; o que foi produzido como documentação, está em poder do Governo Norte-Americano até hoje, o que nos leva à resgatar este período através da “história Oral”, dos sobreviventes, para não ficamos com uma lacuna na história da Segunda Guerra Mundial.

Vale ressaltar que nem o Governo Japonês, não dispõem destes documentos, devido o país está sobre embargo dos Aliados, logo depois do fim a guerra.

Gostaria de relatar o exemplo de alguns sobreviventes, que fazer parte da Diretoria da Associação Hibakusha para podemos ter uma pequena ideia.

[Digite aqui]



“Não precisamos mais de guerra, precisamos de paz”, diz Morita. “Temos que educar as crianças para a paz. Quando eu era criança, no Japão só se falava de guerra, que era preciso prepara-se para ser forte e não ter medo de morrer. É como no Iraque de hoje. Mas temos que acreditar na paz, senão o mundo acaba. Eu já conheço a guerra, vi há 65 anos em Hiroshima. Hoje a potência das bombas é quantas vezes maior do que aquela?”

“Hoje dedico minha vida para propagar a paz. Tudo que aprendi com a guerra é que ela jamais pode ser repetida. As experiências que nós passamos devem acabar com a nossa geração”, afirma Morita, “Na época, muitas crianças se tornaram órfãos, sem ter onde morar, sem ter o que comer. E nada podia se fazer, já que a maioria das famílias não estava em condições de fornecer ajuda. Queremos reivindicar os direitos de todos que tiveram suas infâncias marcadas pelo sofrimento do gembaku. Ninguém é mais vítima que ninguém.”<sup>2</sup>”

Takashi Morita

“ Quando a bomba caiu eu tinha 5 anos e estava em casa, a dois quilômetros do ponto de impacto. Assustado, o meu pai me colocou embaixo de uma mesa - a mãe e a irmã, contudo, morreram. O meu pai, aliás, morreu de câncer, anos mais tarde. A parte de cima do sobrado Onde morava foi destruída, mas tivemos sorte porque a casa não pegou fogo. Era uma construção de tijolo e foi uma das únicas residências da rua que não se incendiaram.”

Mesmo com a proteção da mesa, eu tive o corpo perfurado por inúmeros pedaços de vidro, principalmente os braços. Esse não foi o único efeito da Bomba-A em meu organismo.

[Digite aqui]

Por anos, eu tive ferimentos no corpo que soltavam pus. Durante 30 anos que se seguiram, desenvolvi tuberculose e sofreu de desmaios constantes - mas agora, já estou curado”.

Kunihiko Bonkohara

A história Oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas individuais e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. *Não é portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida.* De acordo com Meihy, é um procedimento premeditado de produção de conhecimento, que envolve o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem de gravação.

Move-se em terreno interdisciplinar, já que utiliza muitas vezes música, literatura, lembranças, fontes iconográficas, documentação escrita, entre outras, para estimular a memória. Também dialoga e / o interage com a sociologia a antropologia e a psicanálise, como suportes para construção de roteiros de entrevistas e para a condução do próprio depoimento. Finalmente, recorre à memória como fonte principal que subsidia e alimenta as narrativas que constituirão o documento final, a fonte histórica produzida.

Portanto, a história oral é um procedimento, um meio, um caminho para produção do conhecimento histórico. Traz em si um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento – o tempo passado, e sobre a época na qual o depoimento foi produzido – o tempo presente. Trata-se, portanto, de uma produção especializada de documentos e fontes, realizada com interferência do historiador e na qual se cruzam intersubjetividades.

[Digite aqui]

O passado espelhado no presente reproduz, através de narrativas, a dinâmica da vida pessoal, em conexão com processos coletivos. A reconstituição dessa dinâmica, pelo processo de recordação, que inclui, ênfases, lapsos, esquecimentos, omissões, contribui para reconstituição do que passou segundo o olhar de cada depoente.

A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida.

Para Paul Thompson, a singularidade é profunda lição da história oral e de cada história de vida. Também considera que a história oral, ao dedica-se a recolher depoimentos pessoais, que se referem a processos históricos e sociais, apresenta inúmeras potencialidades metodológicas e cognitivas, entre as quais destacamos as seguintes:

- . revelar novos campos e temas para pesquisa;
- . apresentar novas hipóteses e versões sobre processos já analisados e conhecidos;
- . recuperar memórias locais, comunitárias, regionais, étnicas, de gênero, nacionais, entre outras, sob diferentes óticas e versões.
- . possibilitar a construção de evidências via entrecruzamento de depoimentos.

. recuperar sobre acontecimentos e processos que não se encontram registrados em outros tipos de documentos, ou mesmo que, estando registrados, não estão disponíveis para a comunidade de pesquisadores por diferentes razões.

*“Durante os cinquenta anos que precederam e se seguiram ao ano mil, a memória e as lembranças foram objetos de grande interesse, que se expressou de outra forma no decorrer dos séculos seguintes”.*

Patrick J. Geary

## **Memória e Identidade do Indivíduo**

A memória propriamente dita ou de alto nível, que é essencialmente uma memória da recordação ou reconhecimento: evocação de deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos etc) A Memória de alto nível feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral de expansão da memória.

A metamemória, que é, por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao “modo de afiliação de um indivíduo a seu passado, levando a construção da sua identidade. Mas tudo isso é válido desde que o interesse sejam as memórias individuais. Nenhum grupo é capaz de ter uma memória procedural mesmo que ela possa ser comum, compartilhada pelos membros desse grupo. Nenhuma sociedade como, dança ou caminha de uma maneira que lhe

[Digite aqui]

é própria, pois apenas os indivíduos, membros de uma sociedade, adotam maneiras de comer, dançar ou caminhar que ao ser tornarem dominantes, majoritárias ou unânimes, serão consideradas como características da sociedade em questão. Por consequência, em nível de grupos, apenas a eventual posse de uma memória evocativa ou da metamemória pode ser pretendida. É essa eventualidade que aparece subjacente na expressão “memória coletiva”. Qual pode ser a realidade desse

compartilhamento de lembranças ou representações do passado? Essa pergunta que devem fazer os historiadores, os sociólogos ou os antropólogos quando empregam a expressão “memória coletiva”, o que nos leva interrogar a pertinência dessa expressão utilizada então como conceito. Aplicada a um grupo a complexidade aumenta em um momento preciso de uma observação um indivíduo é idêntico a ele mesmo, mas duas pessoas – mesmo que se trate de gêmeos – jamais são idênticas.

### **O campo do Memorável**

Se existe sempre a alternativa entre memória e esquecimento, e sem dúvida porque nem tudo o que é memorizável é memorável sobretudo, porque nem tudo pode sê-lo. O tempo só tem realidade “na medida em que possui um conteúdo, quer dizer, quando oferece uma matéria de acontecimentos ao pensamento, o que supõe evidentemente que sejam estabelecidos acontecimentos e que estes sejam objetos de escolha e hierarquização.

Somos sempre condenados ao tempo, condição a qual não escapa nenhuma existência. Como parar este tempo devastador, essa corrida desabalada, como evitar - se da ruína universal, com a qual ameaça toda a vida.

A memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança. Pela retrospectiva o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi uma nova imagem que poderá talvez ajudá-lo a encarar sua vida presente

A memória ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final resta apenas o esquecimento.

Para Anne Muxel, o trabalho da memória atua na construção da identidade do sujeito, é o trabalho de reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação a seu passado para chegar a sua própria individualidade. Já Issac Chiva, ao definir identidade como a “a capacidade que cada um tem de permanecer consciente de sua vida através das mudanças, crises e rupturas, enraíza igualmente a identidade em um processo memorial. As lembranças que guardarmos de cada época da nossa vida se reproduzem sem cessar e permitem que se perpetue, como efeito de uma filiação contínua, o sentimento de nossa identidade.

A memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade, tal como mostram os trabalhos sobre as lembranças de traumas e tragédias como, por exemplo a memória do Holocausto e das tragédias das armas nucleares. Memória é uma faculdade presente desde o nascimento – memória e identidade se entrecruzam indissociável, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente.

É possível analisar como passamos de formas individuais a formas coletivas da memória e identidade? Mas essa passagem do individual ao coletivo, efetivamente, existe? Se existe, isso quer dizer que podemos observar um momento no qual a memória e a identidade de um indivíduo são ainda livres de toda influência coletiva e outro no qual elas se manifestam exclusivamente sob a influência de determinismos sociais e culturais.

### **Nomeação, Memória e Identidade**

A aniquilação da memória e da identidade dos deportados antecede a suas exterminações físicas e começa pela “denominação”, manifestando-se administrativamente pela substituição do nome de cada pessoa por um número de registro. Nesse sentido podemos dizer o que Hecatombe Nuclear é a antimemória - onde dados estatísticos, agora e a principal observação do todo.

A memória e a identidade estabelecem relações muito fortes. Todo dever de memória passa em primeiro lugar pela reconstituição de nomes próprios. Apagar o nome de uma pessoa de uma vítima é retirá-la do esquecimento, fazê-la renascer e reconhecê-la conferindo-lhe um rosto, uma identidade. Enquanto a evocação de mortos ilustres pelos vivos que recuperam distingue, em uma glória pós-humana, mas pessoal, os indivíduos que recuperam assim suas identidades, as cabeças vazias “encapuzadas de trevas” vagam sem forças no HADES e “nada têm a recordar”. De um lado, uma sociedade estruturada pelo nome, pela memória, pela temporalidade, pela individualidade fundada sobre o renome e a identidade; de outro, o horror do anonimato, o esquecimento, a temporalidade, a multidão e o caos de sombras ignoradas.

## A Memória dos Acontecimentos

*“Penso que todo conhecimento do que existe no mundo, se relaciona a fatos conhecidos através da percepção ou da memória, deve-se inferido a partir de premissas, das quais uma, pelo menos, seja conhecida pela percepção ou memória.*

### *B. Russel*

O Ponto de origem não é suficiente para a memória possa organizar as representações identitárias. É preciso ainda um eixo temporal, uma trajetória marcada por essas referências, que são os acontecimentos. Um tempo vazio de acontecimentos, cuja maior ou menor densidade permite distinguir os “períodos” e as “épocas”, é um tempo vazio de lembranças. de ou de memorabilidade.

Cada memória é um museu de acontecimentos singulares aos quais está associado certo nível de evocabilidade ou memorabilidade. Eles são representados como marcos de uma trajetória individual ou coletiva que encontra sua lógica e sua coerência nessa demarcação. A lembrança da experiência individual resulta, assim, de processo de “seleção de memória e simbologia” de certos fatos reais ou imaginários – qualificados de acontecimentos – que presidem a organização cognitiva da experiência temporal. São como átomos que compõem a identidade narrativa do sujeito e asseguram a estrutura dessa identidade.

Gostaria de acrescentar como discussão também, o trabalho da *Professora Ecléa Bosi*, onde a mesma trás uma discussão da questão da preservação da memória – citado como princípio básico: *a memória permite a relação do corpo presente como o passado e, ao*



*mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e inovadora.*

A Professora Ecléa Bosi, trabalha muito com a visão do Professor Maurice Halbwachs<sup>3</sup>, que tem a seguinte tese: “as lembranças estão na cola das percepções atuais, como sombra junto ao corpo”. O fato da conservação dos estados psíquicos já vividos; conservação que nos permite escolher entre as alternativas que um novo estímulo pode oferecer. A Memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Mais uma vez: a percepção concreta precisa valer-se do passado que de algum modo conservou: a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida

### **Reconstrução do Passado**

A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma imagens - lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios.

---

<sup>3</sup> Professor Maurice Halbwachs do Departamento de Psicologia Social do Collège de France

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é o sonho, é trabalho. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. O instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual.

### **História Oral Tem**

“Não quero ser notícia depois de morto, porque o tema deve ser a vida e não a morte”

Nelson Rodrigues

“O respeito pelo valor e pela importância de cada indivíduo é, portanto uma das primeiras lições de ética sobre a experiência com o trabalho de campo na história oral”

Alessandro Portelli

### **A Arte multivocal da História Oral**

Alessandro Portelli, traz uma forma também de se aborda a História Oral, propondo uma revisão crítica dessas concentradas em mãos restritas e profissionais, coloca-nos em face do desafio de encarar a memória não apenas como preservação da informação. Mas, sobretudo. Como sinal de luta e processo em andamento. Com o olhar comprometido com a

[Digite aqui]

realidade social e atento aos modos ainda pouco reconhecidos como as pessoas comuns a vivem, a interpretam e a entretecem, tem colaborado significativamente no avanço das investigações desta área. É uma abordagem muito mais próxima da que eu procurava: a história oral é, principalmente, um modo de deixar a política e as condições vivas e tangíveis, evidenciando seu impacto sobre a vida de determinadas pessoas.

## Bibliografia:

**Bertola, Denise.** *Adeus, Hiroshima – sobreviventes da bomba recomeçam a vida no Brasil.* Monografia, Departamento de Jornalismo, São Paulo, USP, 2013.

**Bosi, Ecléa.** *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, 2º Ed, São Paulo, 1987.

**Candau, Jorge.** *Memória e identidade / Jorge Candau ; tradução Maria Letícia Ferreira*, 1 ed, 1º impressão. – São Paulo, Contexto, 2012

**Halbwachs, Maurice.** *A memória coletiva.* Rio de Janeiro: Vértice, 1990

**Le Goff, Jacques.** *História e Memória*, 7º Ed, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013  
**Lifton, Robert Jay.** *O futuro da imortalidade: ensaios para uma era nuclear ; tradução - Noemi cartum.* São Paulo. Trajetória Cultural, 1989.

---

**Meihy, José Carlos Sebe Bom.** *História Oral: como fazer, como pensar /*  
José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda. – 2º Ed, 1º impressão. – São Paulo:  
Contexto, 2011

\_\_\_\_\_. *Guia prático de Historia Oral: para empresas comunidades,*  
*universidades, famílias.* São Paulo : Contexto, 2011

**Pellegrino, Charles.** *O Último Trem de Hiroshima – os sobreviventes olham*  
*para trás,* São Paulo : Leya, 2011

**Portelli, Alessandro.** *Ensaio de História Oral,* São Paulo: Letra e Voz, 2010

**Thompson, Paul.** *A voz do passado – História Oral.* Rio de Janeiro: Paz e  
terra, 1992

---